

RESPOSTA AO COMENTÁRIO AO ARTIGO "DAR CORPO À ALMA: REPRESENTAÇÕES NA ICONOGRAFIA MEDIEVAL" (*GAUDIUM SCIENDI*, N° 6, Junho 2014, pp. 201-228) , MARIA ISABEL ROQUE

Este artigo é sobre arte ocidental, sem referir a tradição da Igreja oriental, nomeadamente no que se refere à distinção entre corpo, alma e espírito.

No Ocidente, a representação da figura de Deus Pai manteve-se interdita na arte primitiva. A interdição remonta ao Antigo Testamento: "Não farás para ti imagem de escultura, nem figura alguma do que há em cima no céu, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra." (Ex 20, 4) e foi sucessivamente confirmada pelos autores exegéticos e, nomeadamente, S. João Damasceno: "Dei qui est incorporeus, invisibilis, a materia remotissimus, expers, incircumscribitus et incomprehensibilis, imago nulla fieri potest." (cit. in Didron 1843, 205).

Por isso, nos primeiros tempos, a presença (ou a intervenção) de Deus era representada por uma mão a sair das nuvens. Porém, como informa Louis Réau, "Esta prohibición del Decálogo y de los teólogos no demoró en caer en desuso, en convertirse en letra muerta. (...) la Edad Media, más audaz, multiplicará durante siglos las representaciones de Dios Padre «in figura»" (1996, t. 1, vol. 1, 27). Uma imagem, também do ciclo da Criação da Catedral de Monreale (a que pertence a imagem 1 do artigo) é iconograficamente analisada na obra de referência *L'Ancien Testament: Rèperes iconographiques*, interpretando claramente a figura do criador como "Dieu le Père" (Capoa 2003).

Na figura 4 do artigo, a presença do halo cruciforme impede, de facto, que se leia a figura como Deus Pai, pelo que a referimos como o Criador. O comentário acrescenta informação relevante: "Christ however, as God-Man, can be depicted as a result of the incarnation". Porém, não temos dados que permitam confirmar, ou rejeitar, a hipótese que avança como justificação da presença do halo: "Perhaps the lack of the cross in Figure 1 is simply because the iconographer wished to stress that the Creation preceded the Incarnation."

No que se refere ao tema da Dormição da Virgem que, como afirmámos segue o tema bizantino (Koimesis tes Theotokos), mantemos que, apesar de a tradição remontar ao Proto-evangelho de Tiago, no mundo ocidental "a fonte textual mais utilizada para a representação iconográfica do tema é a Lenda dourada, coligida cerca de 1260, por Jacobus de Voragine".

Agradecemos os comentários a este texto e, sobretudo, o facto de apresentar dados relevantes e complementares relativos aos mesmos temas na tradição ortodoxa e, em particular, o texto do Sinaxário.

Referências:

Capoa, Chiara de. (2003). *L'Ancien Testament: Rèperes iconographiques*. Paris: Hazan. (Col. Guide des arts)

Didron, Adolphe Napoléon. (1843). *Iconographie chrétienne: Histoire de Dieu*. Paris: Imprimerie Royale.

Réau, Louis. (1996). *Iconografia del arte cristiano*. Barcelona: Ediciones del Serbal.

Maria Isabel Roque

AS COBAIAS QUEREM CONVERSAR, ANDREIA DOMINGUES

As Cobaias Intelectuais nasceram para resolver o problema de dois tipos de pessoas: as que querem ter conversas interessantes e acham difícil tê-las em lugares comuns e as que querem partilhar o seu conhecimento e acham difícil fazê-lo em qualquer local.

Numa sociedade com elevado nível de produção e produtividade de informação, em que os canais de comunicação são bastante acessíveis, é mesmo muito difícil ter conversas interessantes. Talvez conversar se tenha banalizado, fragmentado, espartilhado. Ou talvez sempre tenha sido assim a abundância do vulgar, do corriqueiro, do conhecimento que serve para ajudar a vestir ou a comer, mas nunca para coisas a mais longo prazo, permanentes e eternas. Afinal, as tendências só duram uma estação.

Contudo, no meio deste cenário gótico há - como em todos deste género - um fio de luz, que nos indica haver algures localidades com mais luz do que as habituais. Há lugares feitos por pessoas que têm conversas profundas sobre perguntas que merecem tempo e que não se contentam com as ocasiões disponíveis nos locais comuns.

Esse fio de luz é persuasivo, como é persuasivo tudo o que corta a escuridão, com um só golpe em linha recta, sem desvios pelo caminho. O fio não revela muito, porque afinal é só um fio, não é uma sala, não é um barulho, não é uma reunião. É só uma ponta de um outro extremo final que se quer mais concreto, mais real.

Conversar é a mais banal e a mais rara das actividades. A toda a hora balbuciamos coisas mais ou menos vagas sobre o tempo, sobre o escândalo, sobre o vídeo, sobre aquilo que outro disse sobre o que o outro fez. Acredito que há quem por ventura passe mais horas a falar do que em silêncio. Mas conversar mesmo não existe.

Existe nos filmes, que vemos quando não conversamos, ou nos livros que lemos enquanto não conversamos, ou nas fotografias ou em qualquer documentário da actividade humana, mas não existe na realidade. Vemos muitas vezes actores discutirem questões essenciais que ensaiaram nos seus scripts, que nos fazem chorar e rir. Mas vemos muito poucas vezes esses níveis de discussão acontecerem nas nossas vidas.

É mesmo frequente as pessoas deixarem de comunicar por falta de assunto, quando se cansam de murmurar umas com as outras de forma monossilábica (ainda que tecnologicamente assistida). Se isto se tornar ainda mais frequente vamos assistir uma sociedade muda, que deixou de comunicar consigo própria por ter falta de assunto e que apenas balbucia uns "bons dias" ensonados ao vizinho de manhã porque ainda há uma espécie de convenção a respeitar que é a comunicação.

Até as notícias são falta de assunto. É muito difícil compreender porque certas fotos ou certos vídeos se tornam virais - a não ser que sejam como uma tentativa inconsciente de resolução desse problema que é a "falta de assunto". Não vai resolver. Onde uma falta de assunto se cala, outra rebenta, porque o remendo é insuficiente.

Há um único tema que é fonte infindável de outros tópicos: a nossa Humanidade. A análise, contemplação, observação do comportamento humano, das suas decisões, da sua história, dos seus promotores. Não uma análise superficial, mas uma análise que vai às raízes dos seus movimentos, histórias, revoluções e convulsões.

Esse tópico não é viral. Diria mesmo que é antiviral, começa em muitos e vai afunilando para poucos. Que não estão necessariamente na academia, ou na política, ou onde seria mais óbvio procurar. Nestes meios, também há, como noutros, muita falta de assunto.

Começa nos que querem e sabem conversar, naquele "dá e leva" que qualquer conversa exige, na busca apaixonadamente desapaixonada de conhecer mais, que é o princípio de qualquer conhecimento. Onde só se dá ou só se leva, só existe um monólogo e não uma conversa. O monólogo é a antecâmara da mudez.

Na série de conversas que são as Cobiaias Intelectuais procura-se institucionalizar o acto de se ter conversas interessantes – que não sejam meros remendos da falta de assunto - por acederem directamente à fonte de todos os assuntos: a Humanidade.

Procura-se também combater a apatia de quem tem um tesouro nas mãos e não sabe que o tem. São as próprias pessoas com mais intimidade com estes assuntos que têm de saber, primeiramente, reconhecer e dar o devido valor a esse tesouro – essa valorização

passa por saber atribuir-lhe um preço e predispor os outros a reconhecer ou, pelo menos, a negociar este valor. Estes tópicos não valem o nada a que se habituaram.

Diferentemente dos lugares comuns procura-se também misturar várias gerações, que não obedecem às muitas outras hierarquias - mas à única que realmente importa: a de se gostar mais ou menos de partilhar determinado tema e, definitivamente, de conversar.

Para além disto pretende-se que sejam várias pessoas de diferentes backgrounds a entrar na conversa. É interessante observar como indivíduos com as mais avançadas formações nas várias áreas carecem dessa capacidade de conversar com outras. Trocar e receber expressões com sentido, que façam o outro compreender e ser-se compreendido pode ser raro mesmo nas audiências mais sofisticadas.

As Cobiaias Intelectuais não são um lugar-comum. Esta mistura de pessoas, de saberes, de valorizações permanece um fio de luz, na sua promessa e na sua simplicidade, de conter casas, lareiras, livros, conversas e até castelos, num contexto gótico.

Aqui, não há mesmo outra forma de saber onde vai dar, se não se aceitar o seu convite luminoso e rectilíneo, para conversar.

Andreia Domingues